

A MENINA do mercado

A feirante Dayane Santos só saiu de Brasília para visitar parentes em Goiânia. Aos 19 anos, tem pressa em estudar e realizar uma vontade de 10 entre 10 brasilienses: ver o mar

MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

ONDE NASCEU:

Hospital Regional da Asa Sul (Hras)

ORIGEM FAMILIAR:

Pai e mãe maranhenses

LEMBRANÇA

DA INFÂNCIA:

“Quando, aos domingos, passeava com os pais pela Esplanada dos Ministérios e tirava foto perto dos palácios. Adorava a ‘lagoa’ do Itamaraty”

O QUE GOSTA

EM BRASÍLIA:

Da Catedral. “Acho um monumento, um lugar cheio de luz.”

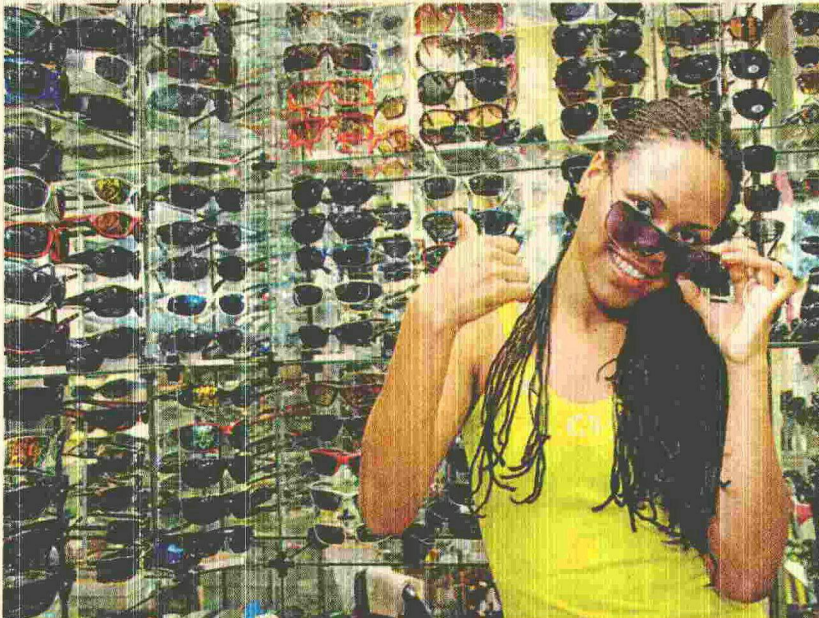
No meio de centenas de óculos, lá está ela, dentro daquela barraca, na Feira dos Importados. Chega um cliente. Experimenta um modelo. Às vezes, compra. Às vezes, não. Um puxa conversa. Feira é sempre assim. As pessoas conversam, falam da vida, dos sonhos, dos planos. A feira é sempre um longo divã. E ela, a moça negra de cabelos em tranças rastafari, continua lá, esbanjando simpatia.

De repente, a moça avista a equipe do Correio. Espanta-se. Acha que estamos ali em função de alguma denúncia. Jornalista na Feira dos Importados — longe do Dia das Mães ou do Natal — de alguma coisa errada está atrás. Seria contrabando? “Eu, entrevistista? Por quê?” Espanta-se novamente. Diante da primeira pergunta, a feirante baixa a guarda e dá espaço para a espontaneidade contagiante: “Nasci aqui em Brasília, no Hospital da L2 Sul (Hospital Regional da Asa Sul (Hras), ex-Hmib)” conta.

E a prosa começa. Dayane Pereira Santos, 19, é uma típica moça de Brasília. Filha de um militar e uma coqueira maranhenses, mora no Cruzeiro Novo, estuda o 2º ano do ensino fundamental e tem um filho de 4 anos, que se chama Marcelo. Aos 15 anos, deu à luz. E teve que deixar de ser adolescente. Interrompeu os estudos e virou mãe. Depois, para ajudar nas despesas do filho, arrumou emprego. Virou vendedora de óculos na barraca de chineses da feira, um formigueiro que concentra 2 mil bancas, 85 lojas e um público de até 30 mil pessoas no fim de semana. Dayane trabalha das 8h às 18h. Folga só na segunda-feira. “É o tempo que tenho para brincar com meu filho, levá-lo ao parquinho, ser mãe o dia todo”, conta.

Dayane é incansável. “Se eu sou feliz? Apesar de todos os problemas que enfrento, sempre enxergo a vida com otimismo. O segredo é não se dar por vencida”, ensina a menina-mãe de sorriso encantador. A algum sonho? A ven-

Wenderson Araújo/Especial para o CB



DAYANE SANTOS, MORADORA DO CRUZEIRO: “SEMPRE ENXERGO A VIDA COM OTIMISMO”

dedora de óculos quer ser veterinária. “Adoro bicho, natureza, cuidar de animal”, explica. E chega mais uma cliente. Pede para experimentar alguns óculos. Vê-se no espelho com os modelos. Faz caras e bocas. Pergunta o preço. Pede para ver mais. Depois de toda atenção a ela dispensada, diz que estará um pouco mais e voltará.

Dayane pede que ela fique à vontade. Informa-lhe que existem outros óculos que a moça ainda não experimentou. Na feira, delicadezas são imprescindíveis. Dayane aprendeu isso desde o primeiro dia em que ali parou. Disso, dessas delicadezas inesgotáveis, depende o seu sustento. A vendedora ganha o salário comercial mais 1% de comissão sobre cada peça vendida.

É quase hora do almoço. Dayane compra uma quentinha e come ali dentro mesmo. Não há quem fique no seu lugar. Entre uma garfada e outra, um gole e outro de água, uma venda. O patrão chinês — que mal fala português — adora contar reais. E assim o dia passa. No final da tarde, início da noite, fecha a banca. Volta para casa a pé. Caminha por cerca de 30 minutos. E corre para ver o filho. “Brinco com ele um pouquinho, como alguma coisa e vou pra escola. Não posso mais me atrasar nos estudos”, reflete.

A menina que nasceu em Brasília tem um sonho. “Quero conhecer o mar, ver aquele azul todo que aparece na televisão e nas revistas”, conta, com os olhos arregalados de emoção. E quer levar o filho junto, para entrar de mãos dadas no “marzão”.

“A gente nunca saiu de Brasília. O lugar mais longe que conheço é Goiânia, onde tenho parente”, diz, com uma vontade arrebatadora de se transportar para outro lugar muito além daquela feira. E sobre a cidade onde nasceu? “É linda, um lugar especial. Tem vários pontos turísticos bonitos. Adoro o céu daqui.”

Naquela banca apertadinha de óculos escuros na Feira do Paraguai, no meio de tantas outras iguaizinhas, uma moça de cabelos rastafari e sorriso espontâneo, solto como seus 19 anos, planeja a vida. Sonha com dias melhores. Torce por isso. Pratica isso, na simplicidade de tentar vender óculos. E faz de todos os dias vividos os melhores de sua existência.